
UM OLHAR SOBRE A MULHER NEGRA NO CONTO MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A LOOK AT THE BLACK WOMAN IN THE TALE MARIA, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

UNA MIRADA A LA MUJER NEGRA DEL CUENTO MARÍA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Elen Karla Sousa da Silva

Doutoranda em Estudos de Literatura (UFRGS) - elenuema@gmail.com

Suelen dos Santos Villanova

Mestranda em Teoria da Literatura (UFRGS) - sueleen.villanova@yahoo.com

Recebido em: 27/03/2021

Aceito para publicação: 21/10/2021

Resumo

Este artigo pretende investigar a condição da mulher negra na literatura afro-brasileira. Analisaremos de que maneira a violência de gênero está ambientada no conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2015). Para falar da lacuna do conhecimento sobre a cultura negra, abordaremos a questão de raça, que está ambientada na obra, assim como a subalternização. O argumento central é de que pouco a pouco a literatura afro-brasileira vem ganhando espaço. Como referencial teórico temos: Duarte (2010), Spivak (2010), Schmidt (2000), entre outros.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Mulher; Feminino; Violência.

Abstract

This article aims to investigate the condition of black women in Afro-Brazilian literature. We will analyze how gender violence is set in the short story “Maria” by Conceição Evaristo (2015). To talk about the knowledge gap about black culture, we will approach the issue of race, which is set in the work, as well as the subordination. The central argument is that little by little Afro-Brazilian literature has been gaining ground. As theoretical reference we have: Duarte (2010), Spivak (2010), Schmidt (2000), among others.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Woman; Female; Violence.

Resuen

Este artículo tiene como objetivo investigar la condición de las mujeres negras en la literatura afrobrasileña. Analizaremos cómo se ambienta la violencia de género en el cuento “María”, de Conceição Evaristo (2015). Para hablar de la brecha de conocimiento sobre la cultura negra, abordaremos el tema de la raza, que se fija en el trabajo, así como la subalternización. El argumento central es que, poco a poco, la literatura afrobrasileña va ganando terreno. Como marco teórico tenemos: Duarte (2010), Spivak (2010), Schmidt (2000), entre otros.

Palabras -clave: Literatura afrobrasileña; Mujer; Femenino; Violencia

1 Introdução

Na literatura brasileira, durante muito tempo, as escritoras femininas foram excluídas do cânone literário e as escritoras negras nem eram reconhecidas como escritoras. Isso devia-

se à sociedade patriarcal e misógina, que limitava os direitos da mulher, até mesmo, o de escrever. E as personagens femininas das obras literárias mostravam um reflexo das sociedades: a personagem mulher representava papéis sociais de submissão e obediência.

Ao abordamos a escrita da mulher negra, faz-se necessário um recorte, pois as fronteiras sobre gênero e raça que a escrita literária possuía, atingiam, principalmente, esse grupo. As mulheres negras escreveram durante a escravidão, mas sofriam com invisibilidade ou branqueamento. As personagens femininas afrodescendentes foram construídas a partir da ótica de estereótipos: do corpo exótico e do corpo como instrumento de trabalho.

Com o passar do tempo, os padrões foram mudando gradativamente quando várias mulheres começaram a escrever. No âmbito da discussão sobre a necessidade de falar da escrita feminina negra, neste trabalho, abordaremos o conto “Maria”, presente no livro *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo.

A repercussão tardia da literatura negra, escrita por mulheres, revela como as escritoras encontraram dificuldades ao produzir e publicar. A literatura afro-brasileira vem ganhando espaços, paulatinamente, e por isso, neste artigo, faremos uma abordagem sobre a importância que estes textos têm. Ao adentrarmos nessa discussão, algumas considerações se fazem importantes no que diz respeito ao conceito de literatura afro-brasileira.

Para o pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2010), a necessidade de trazer o conceito “afro-brasileira” à cena, centra-se, no silenciamento da literatura realizada por anos pelas populações negras, no conjunto da literatura universal, consequência, de uma lógica racista que a sociedade impôs nas suas relações étnicas.

O conhecimento, a memória e a história, narrada por críticos literários inseridos nesse contexto, da literatura afro-brasileira, conforme o autor supracitado, já se fazia-se presente no século XVIII: “[...] se faz presente nos espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2010, p. 113). O autor ainda acrescenta que a produção de escritores afro-brasileiros se amplia a partir de 1980, ocupando espaço na arte cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se expandem e ganham evidência institucional.

Sobre o termo afro-brasileiro, Duarte (2010, p. 119) define que:

[...] o termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridismo étnico e linguístico, religioso e cultural. De acordo

com um pensamento conservador, poder-se-ia dizer que afrobrasileiros são também todos os que provêm de ou pertencem a famílias mais antigas, cuja genealogia remonta ao período anterior aos grandes fluxos migratórios ocorridos desde o século XIX. E, como este, outros reparos poderiam ser arrolados, dado o caráter não essencialista do termo.

Desta forma, podemos dizer que a literatura afro-brasileira vem da escrita literária de pessoas que se autodeclaram e se identificam como afro-brasileiras. E neste trabalho definimos como “produção literária negra” ou “afro-brasileira”, a autoria do sujeito negro falando de si e dos seus, sem que precise de um mediador branco, ocidental ou um sujeito eurocentrado.

É preciso que a literatura afro-brasileira se torne, cada vez mais, reconhecida, por trazer um discurso que não irá estereotipar a população negra e seus descendentes, mas sim valorizá-los, dando-lhes o direito de significar. Assim, trazemos as contribuições de Homi Bhabha (1998):

Nesse sentido salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento - que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social - como ela emerge em formas culturais não-canônicas - transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d'art* ou para além da canonização da ‘ideia’ de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis produzidas no ato da sobrevivência social. A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. (BHABHA, 1998, p. 240).

Para Bhabha (1998), a cultura é incompleta e irregular, ou seja, há lacunas a serem preenchidas e, neste contexto, é necessário que apareça em obras literárias a condição de subalternidade da mulher, negra e pobre, para que possam ser mais que símbolos do imaginário, mas a representatividade do real.

A mulher que em diversas obras foi representada como subalterna, na condição de negra como exótica ou objeto sexual, ganha força e rompe com os padrões europeizados, mas sua voz foi silenciada e anulada. “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67). Spivak (2010) considera importante que sejam concedidos espaços para que sujeitos subalternos sejam representados e ouvidos. Nessa direção, Conceição Evaristo cria sua relevante literatura de consciência, para debater assuntos urgentes e importantes.

2 Maria: A violência tem cor

Antes de abordarmos o conto selecionado, faremos uma breve apresentação da escritora e de suas obras publicadas. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra no Brasil, em 1990 estreou na literatura, quando começou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Desde então, seus textos vêm ganhando cada vez mais leitores. Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior. Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte.

Com uma narrativa versátil, marcada por cortes temporais, em que passado e presente se imbricam, *Ponciá Vicêncio* teve boa acolhida de crítica e de público. O livro foi incluído nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras. Em 2006, Conceição Evaristo publica seu segundo romance, *Becos da memória*, em que trata, com o mesmo realismo poético presente no livro anterior, o drama de uma comunidade, da favela em processo de remoção. O protagonismo da ação cabe à figura feminina símbolo de resistência à pobreza e à discriminação.

A escritora mantém em sua linha de escrita a denúncia da condição social dos afrodescendentes, descrevendo em um tom de sensibilidade e ternura, próprios de seu lirismo, revelando um ardiloso trabalho com a linguagem poética. Em 2011, Conceição Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em que trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. Em 2014, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*. Em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra.

No conto “Maria”, presente no livro *Olhos D’água*, objeto de análise deste artigo, Conceição Evaristo denuncia a condição de violência que a mulher negra sofre e reivindica um lugar para os sujeitos marginalizados. “Assim, a literatura negra se constrói não como um discurso de gratuidade, ou unicamente da realização estética, mas para expressar a consciência social do negro” (BERND, 1988, p. 53).

Maria, mãe solteira de três filhos, é a personagem principal. Após encerrar um cansativo dia de trabalho como empregada doméstica, volta para casa contente por estar levando restos da festa de sua patroa, além da gorjeta, a qual ajudaria para comprar um remédio para os dois filhos menores. Quando está no ônibus, a caminho de sua casa, encontra o pai do filho mais velho. O encontro com o ex-marido colabora para gerar na narrativa um ar feliz para a protagonista, que sente alegria pelo fato do seu ex-companheiro se recordar dela e por ele mandar um abraço ao filho, com o qual não tinha convivência. Contudo, no final da narrativa, Maria é cruelmente assassinada justamente por falar com um dos assaltantes: o pai de seu filho. Assim, a protagonista é impedida de voltar para o seu lar e levar o recado do ex-companheiro e os restos da patroa para os seus filhos.

No conto “Maria” há um contraste entre a violência e a humanidade. O homem senta ao lado da mulher no ônibus, cochicha baixinho com ela coisas da intimidade, da vida que eles tiveram juntos, pouco antes dele assaltar o ônibus e livrar Maria, pois ela era mãe de seu filho. Logo após o assalto, ele sai correndo e ela é linchada dentro ônibus como cúmplice de um assalto que ela nem imaginou que pudesse acontecer. O curioso é que neste conto Evaristo traz a humanidade do homem, não se tratando de banalizar o crime, a violência ou perdoar o assaltante, mas de reconhecer a humanidade que existe em cada uma dessas pessoas, por mais cruéis que elas possam parecer. Esta é uma luta também de mostrar o quão humanos os negros são, pois no processo de escravidão, o negro foi sempre visto como peça, coisa, e se esquece que os negros não são reconhecidos em sua humanidade.

Sobre a violência que o sujeito negro sofreu Frantz Fanon (2008) e Aimé Césaire (1977) a partir dos estudos pós-coloniais, analisam os processos brutais, que desumanizaram, realocaram, redefiniram as identidades dos sujeitos negros em país colonizados pelos europeus. O colonialismo forçou a diáspora, utilizava a tortura como instrumento de ensino, além do preconceito da raça e toda a forma de não valorização da vida do outro, reduziu a vida dos sujeitos negros a selvagens.

Para a pesquisadora Rita Terezinha Schmidt (2000, p. 185), “no espaço do discurso e dos saberes”, a presença das mulheres na literatura se transforma em “um ato político”, já que põe em evidência uma cultura construída a partir do ponto de vista normativo masculino, que se projeta a partir de uma imagem negativa de tudo o que tem relação com o feminino. Nesse sentido, o resgate do termo feminino, como explica a pesquisadora, tem como objetivo tornar visível (e audível) o que foi silenciado e deixado em segundo plano.

E neste âmbito, no conto “Maria”, Conceição Evaristo apresenta uma personagem de classe baixa, trabalhadora doméstica, que é assassinada pela sua condição enquanto sujeito negro. A autora propõe uma leitura sobre a quantidade massiva de pessoas negras que são assassinadas e para os sujeitos brancos que não ouvem as vozes que são subalternizadas.

A personagem Maria sai do trabalho, carregando uma sacola pesada e aguarda o ônibus. Ao embarcar no ônibus ela reencontra o pai de seu filho mais velho. O homem conversa com Maria, pede para que ela mande um abraço e um beijo para o filho e, posteriormente, junto com um “comparsa”, assalta o ônibus, menos a personagem.

[...] um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. (EVARISTO, 2015, p. 25)

A personagem foi a única passageira a não ser assalta, e também não possuía nada de valor para os assaltantes, a não ser a gorjeta que havia ganhado. Os passageiros revoltaram-se pelo fato de Maria não ter sido assaltada e como havia falado com o homem, foi acusada de ser cúmplice dos assaltantes.

[...] Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. (EVARISTO, 2015, p. 25)

Isso demonstra que o fato de Maria ser negra afirma a questão preconceituosa pela cor de sua pele, visto que, se ela fosse uma mulher branca, provavelmente não ocorreria a revolta e

nem a agressão. Um dos passageiros se rebelou com o fato de Maria não ter sido assaltada e a atacou, outro pedia o linchamento da mulher:

[...] A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. (EVARISTO, 2015, p. 25)

Percebe-se, a partir do excerto acima, que Maria tenta justificar-se e alertar que não conhecia os assaltantes, e nesse ponto é tachada como atrevida. O motorista do ônibus tentou apaziguar a situação, afirmando que Maria utilizava a condução todos os dias, que era trabalhadora, mas foi em vão. Os passageiros com atos de selvageria mataram a mulher e ela não conseguiu levar as sobras dos padrões, que estavam na sacola, para casa e muito menos conseguira levar o recado para o filho:

Linha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2015, p. 26)

Durante as agressões, fica clara a prática racista e discriminatória de quem agredia a protagonista. Será que os passageiros, que passaram a agredir a protagonista, teriam a mesma postura diante de uma mulher branca? E quanto ao trabalho doméstico, também há uma inferiorização e discriminação, são efeitos típicos de violência caracterizada pelo preconceito. E a questão de Maria ser mãe solteira evidencia a condição e o panorama social brasileiro, em que as mulheres batalham pelo prato de comida dos filhos.

O sentimento de piedade pela protagonista surge no leitor, sobretudo quando a personagem abalada pelo sofrimento do qual foi vítima sem nenhuma explicação, remete seus sentidos e pensamentos aos filhos. Isto é, como não ter compaixão por uma personagem que, mesmo envolvida por uma angustiante dor física, preocupa-se unicamente com seus filhos.

Maria experiencia um sofrimento físico e psicológico, o qual tem como consequência a sua morte. Ela é protagonista de uma ação que surge por meio de uma agressão psicológica, que sucede por meio de palavras a ela direcionados por um dos passageiros do ônibus. Esse

tipo de violência chega ao cúmulo a partir da morte de Maria, o seu direito de viver é suprimido pelo juízo equivocado de um dos sujeitos que estava no ônibus, que afirma que Maria estaria envolvida no assalto coletivo. No momento em que o ônibus fica vazio, a polícia chega, e encontra o corpo de Maria dilacerado, todo pisoteado.

De acordo com Spivak (2010, p. 67), “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67). Para a autora é essencial que as mulheres intelectuais possibilitem espaços para que indivíduos subalternizados sejam retratados e escutados, que saiam do silenciamento.

Conforme Evaristo (2009) enfatiza, durante bastante tempo, na literatura brasileira, foi negada a representação de mulher-mãe à personagem negra, sobretudo mulher, em oposição ao perfil tracejado severamente para a mulher branca. Evaristo refere-se sobre a inexistência da imagem materna para o sujeito feminino negro, no texto literário, e como causaria o desaparecimento de uma matriz africana na sociedade brasileira, além disso, questiona a função da mulher negra na constituição da cultura nacional.

Logo no início do conto, é exposto que Maria se sente inferior em relação a sua patroa, uma vez que ela aceita os seus restos com satisfação: “levava para casa os restos [...] Estava feliz, apesar do cansaço” (EVARISTO, 2015, p. 39). Maria, do mesmo modo que inúmeras mulheres que estão inseridas em classes sociais sem qualquer privilégio, estabelece determinada ligação com o universo dos ricos por meio do seu trabalho.

O monólogo interior é marcante no conto “Maria”. Os monólogos da personagem abordam a sua dor, vivência repleta de sofrimento, uma vida com muitas dificuldades. Ela começa a conversar consigo mesma. Esse ato de falar consigo revela suas tristezas, suas decepções e uma vida com problemas financeiros.

Maria foi assassinada sem direito a explicações, à defesa, pois tudo havia sido um equívoco. Tiraram dela a oportunidade de dizer que não era cúmplice do assalto, nem a deram a alternativa de transmitir o recado do pai para o seu filho. Foi retirado da protagonista o direito à vida e a cuidar e viver com os três filhos. Conceição Evaristo faz uso de uma detalhada descrição, como modo de denúncia da selvageria e injustiça imposta à Maria e as muitas outras “Marias” diariamente nas grandes cidades. A autora nos expõe a cruel realidade dos sujeitos

subalternos, além de dar voz aos que há bastante tempo foram impossibilitados de falar, que foram e são silenciados.

É justamente a questão do gênero que Conceição Evaristo trabalha neste conto, pois as denúncias ecoam como gritos no desenvolver da história. E, com certeza, tais denúncias merecem um estudo direcionado, pois as mulheres, ao longo da história, foram silenciadas, violentas de forma física e psíquica, eram símbolos de procriação, destinadas a ficarem em casa, não possuíam os mesmos direitos que os homens, e eram desvalorizadas.

Maria é penalizada, é lacerada, se manteve calada assim como seus ancestrais, contudo um grito ecoou. Um grito que representa a resistência, a denúncia. Maria quis dizer ao filho “que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho”. Ela clamou por um basta, através de um silêncio estrondoso.

Conceição Evaristo propõe fazer com que as mulheres negras possam ser ouvidas, estudadas dentro da Academia e que possam representar personagens de destaque na literatura brasileira, já que por muito tempo a literatura tentou negar a imagem da mulher negra e da mulher-mãe solo. A ausência da voz feminina significa o apagamento, e a mulher negra teve seu papel na formação da cultura nacional, é extremamente importante termos mulheres negras escrevendo e personagens negras ganhando mais destaque.

Segundo Antonio Candido (2000, p. 33), “os fatores sociais atuam concretamente nas artes, especialmente na literatura”. O ser humano retrata suas vivências e seus aprendizados em arte, transformando em literário aquilo que ele depreende ou imagina. A literatura serve como instrumento de humanização e conhecimento.

A literatura afro-brasileira deve ir além da formação conteudista e informativa. Deve servir como instrumento de humanização e transcendência, para construir uma visão de valores e para formar sujeitos conscientes sobre mais diversas realidades.

3 Considerações Finais

A literatura é uma ferramenta importante, ainda que seja no campo ficcional, ela destaca e reconhece a violência e o preconceito racial. Assim, ultrapassa as barreiras da ficção revelando a realidade, mostrando a sociedade brasileira, que passa por retrocessos, que ceifam vítimas inocentes e afetam a todos. Diante do exposto, cabe assinalar a importância da literatura afro-

brasileira para a conscientização da sociedade quanto à aceitação e ao respeito pela origem do povo brasileiro e as bases que constituem nossa sociedade tão plural e diversa.

Maria, do mesmo modo como as demais Marias, negras, periféricas e pobres, é uma mulher-mãe que batalha, que cuida e ama os filhos, contudo, foi abandonada por inúmeras razões, da mesma forma como várias outras mulheres brancas. Compete às Marias, caladas, silenciadas pelas violências históricas, que são vítimas da sua posição de mulher negra e pobre, a carga da segregação, marginalidade e criminalidade forçosa ou sugerida, da incerteza da moralidade e da dignidade.

Maria não está mais em uma posição de escrava castigada pelo capitão do mato. Quiçá seja mais danoso o fato que Maria é escrava de sua própria história, da história de seu povo. Ela está aprisionada em um cruel jogo de poder, ela é circunscrita, é posta em sua condição estereotipada de mulher negra.

No conto “Maria”, vemos outras Marias representadas que vivem os mesmos tipos de violência: física e simbólica, em casa, na rua, em seus relacionamentos com seus parceiros ou até mesmo com pessoas desconhecidas. As Marias negras da periferia encontram-se inseridas nesse espaço, encarceradas, silenciadas, esquecidas, reprimidas, oprimidas e violentadas.

Não é a tolerância que deve pautar a convivência entre as diversas raças e classes sociais no Brasil, mas o respeito. Caso contrário, os textos literários continuarão a recriar a contraditória realidade de um país, descrito oficialmente como democrático e igualitário, já que nesse contexto vida e arte se entrecruzam. O ser humano retrata suas vivências e seus aprendizados na arte, transformando em literário aquilo que ele depreende ou imagina. A literatura serve como instrumento de humanização e conhecimento.

Na narrativa, a primeira violência ressaltada refere-se ao fato da personagem exercer o ofício de empregada doméstica e não ser paga devidamente, com todos os seus direitos, constituindo-se uma prática exploratória, assim como escravo, enquadrando-se no limiar da juridicidade e não gozando de seus privilégios. A segunda diz respeito ao abandono dos seus companheiros, fazendo com que se responsabilizasse sozinha pela criação de seus filhos e sem a mínima condição digna por não ter dinheiro. A terceira surge quando julgaram Maria, sem que ela possa se defender, pelo fato de conhecer o homem que assaltou o coletivo, tratando-a como uma delinquente, ultrajada com termos racistas e machistas, chegando a sofrer as violências físicas que levaram à morte, provocando que seus filhos fossem deixados ao

desamparo, sem que o leitor tenha consciência do que irá acontecer futuramente com essas crianças deixadas órfãs.

Portanto, a literatura afro-brasileira, como componente cultural, é um espaço de resistência aos discursos hegemônicos, expondo-se, assim, como um contradiscurso. Desse modo, é imprescindível salientar e distinguir que a violência e a discriminação racial vão além dos obstáculos ficcionais para evidenciar a realidade, expondo o quanto a sociedade brasileira declina, concebe vítimas inocentes e influencia a todo mundo. Isto posto, salientamos a relevância da literatura afro-brasileira para o estabelecimento de uma conscientização social quanto à receptividade e respeito pela gênese da população brasileira e os alicerces que formam nossa sociedade tão múltipla e diversificada.

Referências bibliográficas

BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Augusto Sá da Costa Ltda, 1977.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, jun. 2010. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953> >. Acessado em: 23 jun. 2019.

EVARISTO, Conceição. Maria. In: _____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 31 ago. 2021.



SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar? In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010. Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa.